



## AUTOCONHECIMENTO E EXISTENCIALISMO: CONEXÕES ENTRE A FILOSOFIA DE RENÉ DESCARTES E JEAN-PAUL SARTRE

VANESSA VITÓRIA CAMPOS COSTA<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo de analisar como o indivíduo compreende a realidade que o cerca, defendendo a ideia de que ao longo desse processo, ele descobre a si mesmo. Para tal, busca-se encontrar pontos em comum entre o pensamento do “pai da filosofia moderna”, René Descartes, acerca de como se compreende a realidade e o filósofo contemporâneo Jean-Paul Sartre, o qual analisa como ocorre a troca entre o eu e os outros.

**Palavras-chave:** Descartes; Sartre; Método; Autoconhecimento; Existencialismo.

**ABSTRACT:** *This article focuses on explaining how the individual comprehends the reality that surrounds him, defending the idea that throughout this process, he discovers himself. For such intent, we look forward to find mutual points between the thinking of “the founding father of modern philosophy”, René Descartes, about the way we understand reality and the contemporary philosopher Jean-Paul Sartre, who analyzes how the interchange between the self and the others happens.*

**Keywords:** *Descartes; Sartre; Method; Self knowledge; Existentialism.*

### INTRODUÇÃO

Este artigo busca responder ao seguinte questionamento: se a minha primeira certeza diz respeito a minha existência, quais são as implicações dessa realização? Tal pergunta foi desenvolvida após realizada uma meditação na teoria de René Descartes, focando em seu método de análise, como também no existencialismo de Jean-Paul Sartre, o qual compreende que o “eu” está em constante construção.

Nesse sentido, a argumentação está dividida em duas partes. Na primeira, compreendida como o caminho em direção ao conhecimento, a filosofia cartesiana revela o seu potencial

<sup>6</sup> Graduanda no curso de História da UFRPE.



de conter uma perspectiva do autoconhecimento, uma vez que o indivíduo passa a olhar o mundo a partir de si mesmo, compreendendo a realidade sem as algemas da sociedade.

A segunda parte, por sua vez, se aprofunda nas implicações da existência desse indivíduo que, ao compreender o mundo que o cerca, necessita também entender o que se passa dentro dele, e como ele se constrói a partir do convívio com outrem.

Ao fazer uso dessa divisão, almeja-se identificar vínculos entre as linhas de pensamento dos teóricos em questão em relação ao indivíduo e na construção do seu autoconhecimento.

### **O caminho em direção ao conhecimento**

Antes de se debruçar sobre a teoria defendida pelo filósofo francês René Descartes é preciso entender que os escritos de qualquer teórico são um produto do meio social e do contexto histórico no qual este está inserido. Desse modo, faz-se necessário destacar alguns aspectos da biografia do teórico a ser estudado. Nascido em 1597, no pequeno vilarejo de La Haye, ele veio de uma família da pequena nobreza. Por pertencer a uma classe mais abastada, pôde dedicar-se aos estudos, graduando-se no curso de Direito na Universidade de Poitiers, em 1616.

No que diz respeito ao contexto histórico, deve-se compreender que a teoria cartesiana foi influenciada pelo período do Renascimento. Esse movimento cultural teve relevante influência na Revolução Científica, reunindo teóricos como Francis Bacon, Isaac Newton e Leonardo da Vinci. Essa corrente de pensadores estava baseada no racionalismo, caracterizado pela busca pelas explicações lógicas. Nesse sentido, o homem, centro de tudo, buscava compreender a si mesmo e o ambiente que o cercava.

Entre os seus escritos mais conhecidos, o livro “Discurso sobre o método” será utilizado ao longo do artigo para explicar o processo de acesso a um conhecimento seguro, desprovido das imperfeições da dúvida. Visando a democratização do método, o mesmo foi publicado em uma língua vulgar, o francês, ao invés de ser escrito em latim. Desse modo, o conteúdo não ficou restrito ao domínio da elite intelectual da época, pois o pensador acreditava que “o caminho do conhecimento está aberto aos ignorantes e aos doutos” (DESCARTES, 2011, p. 45). Nesse sentido, todo ser humano poderia ter acesso à razão.

Durante a Idade Média, o conhecimento esteve sob o domínio da Igreja Católica. E considerando que, o grupo que dominasse a escrita também dominaria a História, era vantajoso para esse grupo restringir ao máximo as produções intelectuais no campo da ciência e da literatura, havendo, portanto, a hegemonia do Latim em relação aos idiomas e dialetos populares. Nesse sentido, afirmou Descartes:



*Se escrevo em francês, língua do meu país, e não em latim, que é a dos meus preceptores, é porque espero que os que apenas se servem da sua razão natural inteiramente pura julgarão melhor as minhas opiniões do que os que apenas acreditam nos livros antigos. E quanto aos que aliam o bom senso ao estudo, os únicos que desejo para meus juizes, não serão tão partidários do latim que recusem ouvir as minhas razões só porque as explico em língua vulgar (DESCARTES, 2011, p. 13 ).*

Em outras palavras, o filósofo realiza uma crítica à Igreja Católica, que foi representada na citação como os seus preceptores, uma vez que ele estudou em uma instituição jesuítica. Nesse momento, o autor deseja se distanciar do pensamento religioso e, assim, conferir laicidade ao seu método. O seu público alvo, os seus “juizes”, não está aprisionado aos livros antigos, uma vez que era mais amplo e com a mente aberta para o novo.

Na primeira parte do livro, Descartes faz o seu leitor entrar em contato com o ceticismo crítico, ao passo que afirma que ao longo da vida aprendeu a não acreditar com demasiada convicção em nada do que lhe havia sido induzido a aceitar apenas pelo exemplo e pelo hábito; e, dessa maneira, livrou-se de muitos enganos que ofuscam a nossa razão. Antes de apresentar os passos do método, o indivíduo precisa se desprender de tudo aquilo que acreditava porque o acesso ao conhecimento seguro se dá por meio da desconstrução das falsas moradas da verdade.

Ao ingressar nessa jornada em busca da verdade, é essencial que esse trajeto seja percorrido sem as algemas da sociedade. Tudo aquilo que aprisiona o verdadeiro conhecimento deve ser abandonado: o controle das instituições, da religião e da autoridade intelectual. Desse modo, os muros da tradição são deixados para trás, dando espaço para a autonomia do indivíduo. Então, torna-se evidente que a busca pelo esclarecimento é uma questão individual. O desejo de entender a realidade que o cerca acaba resultando na compreensão de si mesmo.

Na segunda parte, Descartes apresenta os quatro passos do método, pois apenas essa quantidade de etapas era suficiente. O autor justifica sua escolha no fato de que um Estado é bem administrado quando este possui poucas leis, sendo elas rigidamente executadas. Com estudos também no campo da Matemática, ele observou que essa ciência conservava muitos preceitos e estes estavam pouco entrosados entre si, tornando difícil a separação entre o verdadeiro e o falso.

Para fins de uma melhor compreensão da teoria, a imagem a seguir reúne os quatro passos do método, bem como uma breve explicação de seu conteúdo.



## OS QUATRO PASSOS DO MÉTODO

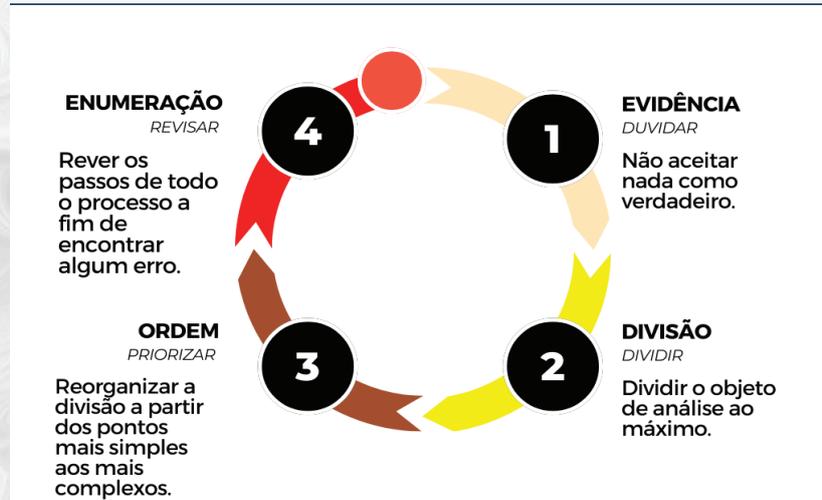


Fig. 1. Os quatro passos do método. Imagem do autor.

O primeiro passo, por sua vez, se define como “dúvida hiperbólica”. Não se deve incluir nesse processo nada além daquilo que se percebe claramente à sua mente. Em seguida, para alcançar uma solução adequada, a divisão de cada uma dos problemas encontrados confere um maior nível de detalhamento à análise. A terceira etapa permite, aos poucos, a ascensão ao conhecimento mais complexo. Nesse momento, afirma o filósofo que nomeia-se “em pensamento uma ordem certa para objetos os quais, por sua própria natureza, não sugerem relação de antecedência e sequência” (DESCARTES, 2011, p. 26). Observa-se nessa fala a força do caráter analítico do método, visto que atribui ordenamento inclusive aos objetos que não apontam para esse critério em sua natureza. Por último, deve-se rever todas essas etapas, a fim de encontrar a omissão de algum ponto.

O método é o caminho de cada um. Ademais, com a democratização do mesmo, tornou-se possível a qualquer pessoa o acesso à razão. Dessa forma, a solidão e o isolamento são requisitos da busca pelo conhecimento. Todos agora são livres para estudar sozinhos. O seu aprendizado, portanto, diz respeito somente a você, não estando mais subordinado a um professor ou a uma instituição de ensino, por exemplo.

Após fazer uso do método que havia criado, Descartes conclui que:

*Mas a base principal de minha satisfação com tal método foi a garantia que tive de exercitar a minha razão em todos os assuntos, se não com perfeição absoluta, pelo menos com a maior atingível por mim: além do mais, eu estava consciente de que por seu uso minha mente ficou habituada gradualmente a concepções mais claras e distintas de seus objetos; e também esperei, por não ter restringido este*



*método a qualquer assunto particular, aplicá-lo aos problemas das outras ciências, com não menor sucesso que aos da álgebra. (DESCARTES, 2011, p. 28)*

Ademais, percebe-se que todas as etapas dessa fórmula cartesiana são permeadas pela razão. Ao fazer uso da mesma, a mente torna-se mais adaptada aos aspectos que a cercam, compreendendo melhor a sua realidade. Outro aspecto que reitera a democratização do conhecimento presente nessa fala diz respeito à possibilidade de aplicação dessa forma de analisar os fatos se expandindo para o campo das outras ciências. Em um período no qual vigorava a Revolução Científica, tal aspecto era fundamental.

A partir de um processo meditativo, o indivíduo ganha a possibilidade de olhar para o mundo a partir de si mesmo. Nesse sentido, ganha-se mais profundidade em seus estudos e as etapas do método permitem analisar minuciosamente os objetos de estudo. Assim, ocorre de fato a produção do conhecimento e não apenas o consumo de informações, as quais se perdem ao longo do tempo. Embora o filósofo tenha buscado explicar a realidade que o cercava, nesse processo, a mudança ocorreu em si próprio, evidenciando o autoconhecimento presente na busca pela verdade.

No quarto capítulo de seu livro, Descartes inicia as suas meditações acerca da nossa realidade. Nesse sentido, o autor acreditava que o mundo poderia não ser da forma a qual nos foi apresentado, tendo em vista que os sentidos possuem a capacidade de nos enganar. Sabendo que todos os objetos que a nossa mente percebe quando acordado também estão presentes em nossos sonhos, quem garante que tudo o que nos cerca não passa de um sonho? Nesse sentido, não existem indicações certas pelas quais seja possível distinguir claramente as impressões que tenho acordado daquelas que pareço ter enquanto durmo.

Para a melhor compreensão desse ponto crucial da filosofia de Descartes, segue o trecho abaixo:

*Mas imediatamente observei que, ainda que desejasse pensar que tudo era falso, era absolutamente necessário que eu, que assim pensei, deveria ser algo; e como observei que esta verdade, eu penso, logo existo (cogito ergo sum), era tão certa e de tal evidência que nenhuma base para dúvida, ainda que extravagante, poderia ser alegada pelos céticos capazes de abalá-la, conclui que posso, sem ressalva, aceitar como o primeiro princípio da filosofia à qual estava à busca. (DESCARTES, 2011, p. 37)*

O certo e indubitável estão presentes apenas na minha existência porque esta mantém-se fundamentada na minha consciência. Ao passo que penso, tenho noção de que existo. A nossa essência, segundo Descartes, consiste somente em pensar. A única certeza que nós temos é a da nossa existência. Por outro lado, se eu tenho consciência da minha existência, quais são as implicações dessa realização?



Esforça-se, portanto, em atribuir sentido à nossa existência. O filósofo acreditava que nossas características nos foram endereçadas por “uma natureza que era em realidade mais perfeita que a minha e que possui até dentro de si mesma todas as perfeições das quais poderia formar qualquer ideia” (DESCARTES, 2021, p. 38). Assim, acredita-se que mais perfeito do que nós mesmos, somente Deus. Ademais, o pensador elimina essa entidade de qualquer defeito, afirmando que a dúvida e a tristeza não podem ser encontrados nela. Nesse sentido, devemos nos alegrar porque a partir dessa constatação nos faríamos contentes.

Tendo em vista as questões levantadas acerca da filosofia cartesiana, pode-se inferir que, apesar de conferir laicidade ao seu método, o pensador não se afastou de questões religiosas em suas meditações.

Para aprofundar o estudo das questões existenciais, busca-se fundamentar a argumentação na filosofia de Jean-Paul Sartre.

### **O eu e os outros**

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris no ano de 1905. Foi docente no Liceu de Havre, ainda na França, a partir de 1931. Em seguida, deu continuidade à formação filosófica no Institut Français, em Berlim. Durante a Segunda Guerra Mundial, Sartre foi convocado pelo governo francês para servir ao exército. Ele foi capturado pelos inimigos e conseguiu se libertar apenas em 1941. Esse período de reclusão o fez ganhar apreço pelo engajamento político, levando-o a criticar a classe social do qual fazia parte, a burguesia, afastando-se dos intelectuais franceses oriundos desse meio social.

Em consonância com a filosofia cartesiana, afirmou Sartre em uma palestra posteriormente transformada no livro “O existencialismo é um humanismo” que “Não é possível existir outra verdade, como ponto de partida, do que essa: penso, logo existo, é a verdade absoluta da consciência que apreende a si mesma.” (SARTRE, 2014, p. 33). Nessa proposição, reitera-se a questão da certeza da nossa existência, ao passo que ela é consciente em si mesma porque atribuímos sentido a mesma.

Os dois filósofos franceses presentes neste artigo dialogam para responder ao seguinte questionamento: Se eu sei que existo, quais são as implicações da minha existência? Nesse sentido, Sartre aprofunda esse debate na proposição a seguir:

*Assim, aquele que se apreende de maneira imediata pelo cogito, descobre também todos os outros, e os descobre como a condição de sua própria existência. Ele se apercebe que não pode ser nada (no sentido em que dizemos que somos*



*espirituais, ou maus, ou ciumentos), a menos que os outros o reconheçam como tal. Para obter qualquer verdade sobre mim é necessário que eu passe pelo outro. O outro é indispensável para a minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento. (SARTRE, 2014, p. 34)*

A problemática existencialista gira em torno do eu em contato com o outro. Dessa forma, eu apenas existo quando sou percebido pelo outro. Não se pode conceber a ideia de conhecer a si mesmo se não for analisado como ocorre o seu convívio com os outros. Por esse motivo, a segunda parte do presente artigo busca compreender a partir da filosofia de Sartre como ocorre essa troca entre o indivíduo e a sociedade que o cerca. Mais especificamente, como são tomadas as decisões que nos constituem e em quais fatores elas estão baseadas.

Segundo o pensamento existencialista, o eu, o homem não pode ser definido, questão essa explicada na citação abaixo:

*Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há nenhum Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz. Esse é o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 2014, p. 19)*

Nesse sentido, a nossa primeira certeza, a da nossa existência, é consciente em si mesma. Inicialmente, o homem não é nada porque ele ainda não atribuiu sentido a sua existência. O processo de construção do eu se dá por meio da descoberta de quem somos e, posteriormente, da decisão de ser aquilo que escolhemos, e não por algo pré-determinado. O existencialismo ateu, do qual o filósofo era adepto, é pautado a partir de uma ampla liberdade, tendo em vista que o indivíduo realiza as suas escolhas de acordo com os seus próprios parâmetros.

Assumindo a não existência de um Deus, Sartre torna o indivíduo completamente responsável por seus atos, uma vez que este não pode mais descontar os seus infortúnios em um suposto ser superior. Essa vertente existencialista não se agrada do fato de poder afirmar essa inexistência porque com ela perde-se todo um código moral que deveria ser seguido, não existe mais a possibilidade de se agarrar a algo que legitime o seu comportamento. Ainda nesse raciocínio, Sartre afirma que “Nós estamos sós. Sem escusas.” (SARTRE, 2014, p. 24). Sendo assim, o ser humano, uma vez lançado ao mundo, torna-se livre.

O homem escolhe o que pretende ser, usufruindo de sua liberdade. Não que esta atitude



seja sinônimo de anarquia, porque a liberdade não deve ser concebida do ponto de vista individual devido ao fato de as decisões tomadas por alguém possuírem impacto na vida dos outros. Ocorre uma relação de troca em prol da harmonia, na medida em que a liberdade do indivíduo depende da liberdade dos outros e vice-versa. Se alguém que não cometeu atrocidade nenhuma foi privado de sua autonomia, os demais também estão em risco.

Devido ao poder de impacto das nossas decisões na realidade alheia, a liberdade precisa estar unida à responsabilidade. Desse modo, o sujeito possui a capacidade de determinar os rumos de sua vida, mas sempre responsabilizando-se por seus atos. O indivíduo está condenado a realizar escolhas para a sua vida, uma vez que “Eu sempre posso escolher, mas tenho que saber que se não escolho, isto também é uma escolha” (SARTRE, 2014, p. 36-37). Ao decidir não escolher, ele tenta se afastar da sua responsabilidade, agindo, então, de má-fé. Dessa forma, o indivíduo atua contra si mesmo, negando a verdade e interrompendo todo o processo de autoconhecimento.

Em contrapartida, ao compreender que o ser humano não possui natureza porque ele está sempre por fazer-se, é possível abandonar essa atitude de negação de quem verdadeiramente é. Ninguém nasce condenado a ser um mentiroso, porém, se assim permanecer, foi por vontade própria. Se o destino do homem não está pré-determinado, logo o mesmo pode se reconstruir e finalmente se aceitar a partir das vertentes já apresentadas: liberdade, escolha e responsabilidade.

Sartre ministrou uma palestra em 1945 para defender o existencialismo de críticas que o caracterizavam por ser uma filosofia individualista. Contrariando essa concepção, o pensador faz a seguinte declaração:

*Humanismo, porque lembramos ao homem que não há outro legislador senão ele mesmo, e que é no desamparo que ele decidirá por si mesmo; e porque mostramos que não é voltando-se para si mesmo, mas sempre buscando fora de si um fim que consiste nessa liberação, nesta realização particular, que o homem se realizará precisamente como humano. (SARTRE, 2014, p. 44)*

Ao longo de nossa existência são realizadas trocas com outros seres humanos. O existencialismo é um humanismo porque lida com a construção e reconstrução do eu, porém este não pode estar fechado em si mesmo. Sartre realiza a defesa dessa corrente filosófica das críticas de que ela seria individualista. Tendo em vista o que foi exposto, entende-se que o outro é essencial, uma vez que a vida ocorre em sociedade. O cotidiano se permite justamente porque outros já fizeram escolhas que nos afetam.



## CONCLUSÃO

Na famosa citação “Penso, logo existo” tem-se o estabelecimento da nossa primeira certeza, tendo em vista que tal constatação independe do exterior e depende somente da minha consciência, não havendo espaço para a dúvida. A construção do método cartesiano constituído de quatro passos simples (evidência, divisão, ordem e enumeração) conduz o indivíduo a duvidar de tudo, menos do ato de duvidar. Dessa forma, a questão do *cogito* fundamenta a primeira certeza do ser: ele existe. Ao partir em busca do conhecimento da realidade que o cerca, compreende a si mesmo ao final da jornada. Contudo, o que pode ser feito com essa certeza? Em outras palavras, quais são as consequências dessa realização?

O diálogo entre a filosofia cartesiana e o existencialismo ocorre na seguinte questão: apesar do reconhecimento da minha existência depender apenas de mim mesmo, a construção de quem eu sou constitui-se a partir do convívio em sociedade. O autoconhecimento ocorre em meio a ciência dessa existência e das suas inferências. Ninguém está sozinho no mundo, logo deve-se observar as implicações das escolhas individuais no coletivo e vice-versa. Ocorre, portanto, uma troca entre o eu e os outros.

Sartre é bastante conhecido pela seguinte afirmação: “a existência precede a essência”. Essa citação implica no estabelecimento de um homem desprovido de definição. Ao passo que se insere na comunidade, ele não é nada. Ele se torna alguém a partir de suas escolhas. A existência não possui sentido justamente porque não se pode atribuir sentido a algo inacabado, haja vista que ela está em constante processo de construção.

Ao longo desse processo, três conceitos são essenciais para a manutenção da harmonia nessa coletividade: liberdade, escolha e responsabilidade. Nós fomos lançados a esse mundo, tornando-nos responsáveis pelo ser humano que vamos nos tornar e, portanto, não podemos nos respaldar em desculpas. Essa é a questão fundamental do existencialismo ateu. Tendo em vista os aspectos observados, fugir dessa realidade significa abandonar a si próprio, agindo de má-fé.



## REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**; tradução de Alan Neil Ditchfield. 2. ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**; tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.